

# A GEOPOLÍTICA ALEMÃ NA REPÚBLICA DE WEIMAR: O SURGIMENTO DA REVISTA DE GEOPOLÍTICA<sup>1</sup>

Altiva Barbosa da Silva<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo discute o surgimento da Revista de Geopolítica, em 1924, dentro de um universo eclético de idéias e tendências no âmbito da "crise da ciência" do início do século XX. O eixo básico dessa argumentação está nas críticas promovidas pelo grupo de geopolítica da *Zeitschrift für Geopolitik* (ZfG) - Revista de Geopolítica - ao "tradicionalismo acadêmico da Geografia na Alemanha". Essas críticas eram baseadas na idéia de modernização e rompimento com a racionalidade científica, típicas do ambiente intelectual da República de Weimar, marcado pelo subjetivismo da *Lebensphilosophie*. Além da discussão de alguns aspectos dessa modernização, exemplificada através da "Cartografia Geopolítica", o artigo também traz uma caracterização dos aspectos formais da revista: tiragem, público-alvo, temário, dentre outros.

**Palavras-chave:** Geopolítica, Geografia Política, Geografia Alemã, Revista de Geopolítica

## Abstract

### The German Geopolitics in the Republic of Weimar: the advent of Journal of Geopolitics in Germany

This article discusses the advent of Journal of Geopolitics, in 1924, in the eclectic universe of ideas and tendencies in the crisis of the science of the beginning of the 20<sup>th</sup> Century. The basic axis of this argument stand on the critics made by the group of geopolítico of the *Zeitschrift für Geopolitik* (ZfG) – Journal of Geopolitics - to the "academic traditionalism of Geography in Germany". Those critics were based on the modernization idea and breaking off with the scientific rationality, typical of intellectual atmosphere of the Republic of Weimar, marked by the *Lebensphilosophie*. Besides the discussion of some aspects of that modernization, exemplified by the Geopolitics Cartography, the article brings a characterization of the formal aspects of the journal: circulation, target public, themes, among others.

**Key words:** Geopolitics, Political Geography, German Geography, Journal of Geopolitics

---

<sup>1</sup> O presente artigo apresenta resultados parciais da dissertação de mestrado: "Do povo sem espaço ao espaço sem povo: Uma análise da *Zeitschrift für Geopolitik*", orientada pelo Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann e apresentada ao Departamento de Geografia/USP em 1996.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da USP - [altiva.barbosa@uol.com.br](mailto:altiva.barbosa@uol.com.br)

# INTRODUÇÃO

A Revista de Geopolítica (*Zeitschrift für Geopolitik* - ZfG), editada na Alemanha, em sua primeira fase, entre os anos de 1924 e 1944<sup>3</sup>, sob a liderança do general e geógrafo Karl Haushofer (1869-1946), foi publicação mais citada por geógrafos, geopolíticos, políticos e acadêmicos em geral, interessados em questões geopolíticas, durante as primeiras décadas do século XX.

Ainda que nenhum pesquisador a tivesse estudado especificamente, em toda América, a revista sempre foi referência de pesquisadores que se dedicam ao tema Geopolítica do período que antecede a II Guerra. Após os anos 50, a revista tornou-se sinônimo, no âmbito acadêmico, de maior instrumento de propaganda já empregado pela ciência geográfica a serviço do expansionismo germânico.<sup>4</sup>

Segundo Troll, "a verdadeira data de nascimento da Geopolítica foi o ano de 1924, quando começou a ser publicada a *Zeitschrift für Geopolitik*". (TROLL, 1950:18).

Interessa-nos também compreender o diálogo estabelecido entre os autores da revista com renomadas figuras do campo científico da Geografia. Quais métodos, teorias, conceitos e temas, foram assimilados da geografia pelos geopolíticos? Ou ainda, de que modo a ciência geográfica interagiu com a nova proposta de atuação político-acadêmica, introduzida pelos geopolíticos da Revista?

É importante ainda aceitar o desafio de interpretar os documentos que possam nos oferecer, de forma mais autêntica, um retrato do que foi essa geopolítica, sobretudo, por se tratar de um tema fortemente marcado por interesses nacionais. No Brasil, geralmente, lemos as críticas feitas por pesquisadores franceses e norte-americanos, à geografia e seu envolvimento na geopolítica e, bem menos, à literatura produzida pelos geógrafos alemães.

Houve um claro déficit na contribuição dos geógrafos alemães para o mundo científico, atingindo geógrafos renomados que, de algum modo, perderam sua respeitabilidade e motivação acadêmica, em vista dos "resultados da Geopolítica", além das perseguições e censuras de idéias ocorridas durante o período nazista.<sup>5</sup>

Dessa maneira, podemos dizer, que a crítica generalizada à geopolítica alemã, contribuiu decisivamente a um distanciamento dos chamados "pais da geografia", ou seja, não apenas da Geografia que foi produzida na Alemanha no período entre-guerras, por um grupo, mas sim de tudo o que fora produzido antes, e em épocas imediatamente posteriores. Assim sendo, resta-nos resgatar a história dessa disciplina, em todos os seus caminhos e encruzilhadas, para termos uma visão mais abrangente da contribuição da geografia à ciência.

---

<sup>3</sup> De 1951 a 1968, a revista volta a ser publicada, pelo editor principal da Revista, o jornalista Kurt Vowinkel, cuja influência central na ZfG permaneceu durante toda sua existência.

<sup>4</sup> Vide, por exemplo a obra de SODRÉ, N.W. (1982).

<sup>5</sup> "A pesar de su edad Alfred Philippson (1864-1953) fue encerrado en el campo de concentración (...) Hettner murió en 1942 y Albrecht Penck en 1945. En 1945, la escuela alemana había dejado de existir". (Sanguin, 1984:21)

# AS BASES DA GEOPOLÍTICA NO CONTEXTO CIENTÍFICO DA REPÚBLICA DE WEIMAR

O pensamento geopolítico que se desenvolveu durante os anos 20, dentro do âmbito geográfico, possui estreita relação com os conflitos políticos entre as potências imperialistas que, desde o século XIX, lutavam para assegurar a hegemonia em toda a extensão do globo, respaldadas em seus respectivos estados pelo espírito nacionalista que tomava conta até mesmo das mentes mais esclarecidas.<sup>6</sup>

A historiografia mostra que na Alemanha esses conflitos foram mais acentuados que em outros países, remontando-se à época da guerra franco-prussiana e da unificação, em 1871, conduzida política e militarmente por Bismarck que, desde 1850, impulsionou fortemente seu crescimento industrial, e constituiu o primeiro império (*Reich*) alemão<sup>7</sup>.

A rápida industrialização do *Reich* a partir dessa época aliada ao aumento vertiginoso da população e da urbanização, não veio acompanhada de um suporte estrutural em setores básicos como o econômico, social e político, correspondente às transformações que estavam se dando nesse império<sup>8</sup>. Ademais, as disputas por espaço no próprio continente, por colônias, por mercado consumidor e fornecedor de matérias-primas, juntaram-se à crise generalizada enfrentada pelo país no início deste século. Segundo Forman (1983):

*"Existia uma sensação generalizada de crise. Isso incluía a permanente crise política e econômica, mas longe de se limitar a isso, sentia-se que o fenômeno fundamental era uma crise moral e intelectual, uma crise de cultura, ciência e conhecimento. Embora suas raízes se estendessem até o século anterior, essa noção de crise no, ou do conhecimento, apenas emergiu como clichê universalmente aceito no período que se seguiu à derrota alemã na guerra"*(Forman, 1983, p. 24-25)

Essa crise tornou-se mais acirrada devido às obrigações do Tratado de Versalhes, que impôs à Alemanha fortes sanções econômicas e perdas de território e de autonomia em setores estratégicos, como o militar, após a Primeira Guerra Mundial. Parcelas significativas da população alemã engajaram-se, dessa maneira, na luta contra as imposições desse Tratado. Nesse sentido, o conseqüente recrudescimento da "questão nacional", pode ser entendido como um reflexo de todos esses conflitos que extrapolavam a reivindicação territorial.

Por um lado, o país almejava encontrar um novo caminho que lhe garantisse a estrutura material básica, "perdida ou ausente", ou seja: o *Lebensraum* autárquico<sup>9</sup>; por outro, buscava uma base espiritual que resguardasse os valores da "alma alemã", às vezes, expressos em termos de *Deutsche Kultur*, ou até mesmo da ideologia *völkisch*<sup>10</sup>. Em ambos

<sup>6</sup> Forman (1983), traça um quadro bastante esclarecedor da "crise da ciência", durante a República de Weimar. Sobre este tema vide também: Gay (1978), dentre outros que poderiam ser citados como exemplo.

<sup>7</sup> Vide: Almeida (1982) A República de Weimar e a ascensão do nazismo.

<sup>8</sup> Vide, por exemplo, Richard (1988) A República de Weimar.

<sup>9</sup> Nas páginas 40 à 48 da dissertação de mestrado da autora deste texto foram apresentadas as acepções mais recorrentes à época desses conceitos, imbricados à noção de *Lebensraum* e harmonia, como uma reação conservadora da geopolítica alemã ao universo capitalista anglo-americano, filiada à *Lebensphilosophie*.

<sup>10</sup> Para o debate destas questões tomou-se como base, sobretudo as acepções de Jeffrey (1993) O Modernismo Reacionário.

os casos a explicação geográfico-geopolítica, serviu de apoio à construção de um ideário cada vez mais distante da lógica e da racionalidade científicas.

Sob a ótica desta pesquisa, entende-se que a rejeição à razão enquanto instrumento epistemológico, característica de parte relevante do meio intelectual de Weimar, pretendia ser uma crítica contundente ao positivismo, ao mecanicismo e ao materialismo, entendidos como correntes da ciência tradicional que não respondia às demandas do momento. Era imprescindível para o cientista, oferecer respostas a uma sociedade decepcionada com os resultados da guerra, e que a associava à própria elite científica, ou pelo menos, acreditava ter ela contribuído decisivamente nesse processo. Assim, a tendência predominante nos anos do pós-guerra, conhecida como *Lebensphilosophie*, de fato foi vista como uma chance para livrar a ciência do "beco sem saída" em que se encontrava.

Há um relativo consenso em considerar Oswald Spengler o representante característico da *Lebensphilosophie*. Seu livro: *O Declínio do Ocidente*, publicado em 1918, tem precisamente o tom certo para uma Alemanha derrotada, tendo sido lido quase que universalmente nos círculos acadêmicos. Para Spengler a construção artificial da ciência foi erigida contra a noção mais fundamental e irracional de destino. (Forman, op. cit. pág. 23)

Ainda segundo este autor:

"Foram os *Lebensphilosophen* radicais, que forçaram essa interpretação da crise do conhecimento, como crise do monismo causal, dos métodos positivistas da *Wissenschaft*. A crise do conhecimento deveria ser seguida por uma revolução que liquidasse esses mecanismos estéreis e intolerável, em favor de uma "nova *Wissenschaft*" de valores, intuição, sentimentos, do vivo, do orgânico". (Forman, op. cit. p.26)

A literatura sobre a República de Weimar indica ter sido a *Lebensphilosophie*, a influência intelectual mais poderosa, ainda que não se tratasse de um sistema ou escola, antes de uma tendência geral, caracterizada pela negação do "universalismo abstrato, cosmopolitismo uniformizador, raciocínio mecanicista", como exposto por Herder para marcar "a posição distintiva da filosofia alemã frente à filosofia da ilustração"<sup>11</sup>.

Deve ser lembrado, entretanto, que o universo weimariano incluiu também expressões típicas do positivismo lógico, representado pelo Círculo de Viena, e do funcionalismo caracterizado pela Bauhaus, com atitudes bastante "positivas" perante as ciências exatas. Conforme Gropius (1935):

"(...) a Bauhaus foi de fato característica da República de Weimar - a nova arquitetura e o movimento de design que lhe era associado constituíram a expressão de um impulso inerentemente peculiar aos métodos das ciências exatas, ou às conquistas da tecnologia moderna - retorno ao artesanato como reação contra a tecnologia moderna. Gropius negou a associação entre arte e tecnologia no design industrial, afirmando que seu principal objetivo no planejamento do currículo da Bauhaus era treinar as capacidades naturais do indivíduo de abarcar a vida como um todo, uma entidade cósmica una"<sup>12</sup>.

Para completar esse cenário do ambiente intelectual de Weimar, haveria também muito a se dizer sobre a influência dos grupos de esquerda, dominados pelo marxismo, e

11 In. COSTA, W.M (1992), p. 31.

12 Gropius (1935) *The New Architecture and the Bauhaus*.

ainda, sobre a famosa Escola de Frankfurt, inaugurada, em 1923, com sua crítica mais generalizada à sociedade. No entanto, não existiu na Revista de Geopolítica qualquer recorrência a essas correntes de pensamento.<sup>13</sup>

Por outro lado, o ambiente intelectual de Weimar teve como característica marcante o domínio de idéias avessas às explicações do materialismo dialético, do racionalismo científico e de outras correntes críticas do pensamento, de modo que, a filiação dos geopolíticos da *Zeitschrift für Geopolitik*, passa pelo historicismo, via *Lebensphilosophie*, enquanto reação metodológica da geografia e da geopolítica do início do século.

A "Escola Geográfica Alemã" estava em busca de sua identidade. Possuía um grupo fortemente oposto ao "tradicionalismo acadêmico". Tentava superar sua crise e renovar-se. Assim, a *Lebensphilosophie*, atendia aos requisitos mais amplos de uma ciência desgastada e enfraquecida pelas críticas. Conforme Capel (1981):

*"La crisis del positivismo a fines del siglo XIX supone la aparición de corrientes historicistas, neokantianas y espiritualistas. La vuelta al dualismo y la crítica del reduccionismo naturalista, supone la posibilidad de afirmar la autonomía de las ciencias humanas, las cuales se individualizan por referirse al "reino de la libertad", de lo que posee historia. El objetivo del trabajo científico no es ya la explicación y la previsión, sino la "comprensión", la cual sólo puede hacerse desde dentro, es decir, ha de ser empática. Se entiende así que, a pesar de que el método científico siga siendo inductivo, se valoren ahora nuevas facultades como la intuición."* (CAPEL, 1981:262).

Na leitura que os geopolíticos fizeram dos conceitos geográficos, passando pela fundamentação na *Lebensphilosophie*, predominou uma argumentação baseada em facultades que não seriam admissíveis para um positivista, tais como a intuição, o sentimento, a sensibilidade, elementos presentes no debate da *Landschaft*, desde Humboldt. Nas mãos dos geopolíticos esses conceitos foram reelaborados para justificar a política nazista que se impôs, após os anos trinta na Alemanha.

Deste modo, a pesquisa realizada mostra que o vínculo estabelecido pelos geopolíticos entre os conceitos de povo e espaço erigiram-se a partir de uma série de mitos, como o da *Deutschtum* (germanidade), cuja radicalização expressou-se em outro mito: o do sangue e solo (*Blut und Boden*), resultante da ligação íntima entre raça e espaço, que fomentou uma forma de racismo, aceito como científico, e incluído de algum modo em algumas disciplinas universitárias na Alemanha<sup>14</sup>.

Outro mito que obteve forte repercussão entre os geógrafos e geopolíticos foi o da centralidade, a partir do qual foi elaborado o conceito *Mitteleuropa*, que aglutinou o amplo espectro de reivindicações expansionistas, sob alegações absolutamente subjetivas, vinculadas à idéia de destino, harmonia, unidade, totalidade, essência, arte, emoção, alma, ritmo, dentre outras comuns nos ensaios da Revista de Geopolítica.

---

<sup>13</sup> Interessante observar que essa pesquisa de mestrado foi iniciada em função da curiosidade em situar o artigo de K. Augut Wittfogel, ex-membro do Partido Comunista, no contexto da ZfG, em 1932. A biografia de Wittfogel e o artigo em questão, foram publicados na Seleção de Texto n. 20 da Associação Geógrafos Brasileiros-AGB, em 1992.

<sup>14</sup> É interessante também observar tendências semelhantes em outras disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, por exemplo, com os clássicos trabalhos de Levi Straus, situando também num contexto mais amplo de época, com trabalhos social-darwinistas, inclusive de ampla repercussão no Brasil. Para uma visão mais abrangente, vide, p.ex., SCHWARCZ, L.M (1993)

Dentro desse "universo científico eclético", o discurso geopolítico da *Zeitschrift für Geopolitik*, oscilou entre a defesa de uma Alemanha tecnologicamente avançada, com indústrias e cidades modernas - um império cujos poderes se estendessem por todo o globo - e de outra, fiel à sua alma, presa a raízes profundas, simbolizadas pela nostalgia romântica da *Bauertum* ("ruralidade"). Sob esse prisma, a modernização, o mundo do capital, e principalmente do capital financeiro, eram associados às raízes do declínio do Ocidente.<sup>15</sup>

## O NASCIMENTO DA REVISTA DE GEOPOLÍTICA

Segundo Jacobsen (1979:181), "Kurt Hesse, discípulo de Drygalsky, que conheceu Haushofer quando trabalhara no consulado alemão em Londres, como assessor de imprensa, foi quem lhe apresentou o jornalista e redator Kurt Vowinckel ". (...) "O primeiro encontro entre eles ocorreu na cidade de Munique, em março de 1923, e a partir daí estreitaram laços de amizade".

Vowinckel pretendia abrir sua própria editora, desde 1895, quando trabalhava para a editora Hugo Wolff em Munique. Como ele já tinha clara a linha editorial, com a qual permaneceria ao longo de toda a sua vida - assuntos geopolíticos - o nome de Haushofer, que já lhe era conhecido através de conferências assistidas, pareceu, a ele e a Hesse, bastante conveniente para assumir a direção do novo periódico.

A pesquisa realizada mostra que Vowinckel há muito vinha buscando uma parceria como aquela que efetivou com Haushofer. A afinidade de interesse entre ambos culminou rapidamente na concepção de uma nova revista, ficando estabelecido desde o início que o corpo teórico seria proveniente de Ratzel e Kjellén, cujas "leis científico-naturais" elucidariam a política da época. Um segundo objetivo da ZfG seria oferecer instrumentos adequados à atuação política, sobretudo no que concerne às relações internacionais. (JACOBSEN,1979:512)

Não foi possível, entretanto, viabilizar imediatamente esta proposta devido aos efeitos generalizados da crise inflacionária na Alemanha. Desse modo, o projeto da criação de uma revista de geopolítica, apresentado à editora Oldenbourg, ainda no primeiro semestre de 1923, teve que aguardar até que o próprio Vowinckel pudesse inaugurar sua editora. Certamente acreditando no sucesso de tal empreendimento, devido ao amplo interesse por assuntos geopolíticos na conjuntura de conflitos latentes do pós-guerra.

Após a inauguração da editora, foi organizada em Berlim, nos dias 15 e 16 de dezembro de 1923, a primeira reunião do grupo da ZfG<sup>16</sup>, para a qual Vowinckel e Haushofer convidaram os geógrafos recém admitidos na academia alemã: Erich Obst

---

<sup>15</sup> Utilizou-se o título da obra de Spengler (1920) *Der Untergang des Abendlandes* (O Declínio do Ocidente), pois a idéia de declínio foi difundida na *Zeitschrift für Geopolitik* desde sua inauguração, em 1924. Todavia, deve ser ressaltado que o próprio Spengler, assim como os geopolíticos, possuíam enorme culto à técnica. Esse paradoxo foi bem contextualizado na obra de W. Benjamin que compreendeu que "a modernização técnica e industrial não implicava necessariamente a modernização em sentido mais amplo, quer político, quer social, quer cultural". Jeffrey, op. cit. p.47.

<sup>16</sup> As Atas das conferências dos editores realizadas normalmente uma vez ao ano encontram-se, em parte, no "arquivo de Haushofer" (Haushofers Nachlass-HN). Deve-se lembrar que, como parte destes documentos extraviou-se, "as observações sobre os resultados destas conferências apoiaram-se não apenas nos documentos existentes como também em depoimentos de seus participantes" (Harbeck, 1963:12)

(Hannover), Otto Maull (Graz), Hermann Lautensach (Giessen), e, Fritz Hesse<sup>17</sup>, que esboçou o primeiro programa de trabalho. (Jacobsen;1979:187 e 263)

A organização dos temas e a formatação ficou a cargo de Kurt Vowinckel; Fritz Hesse ocupou-se com a direção redatorial; Karl Haushofer encarregou-se da discussão de assuntos ligados ao Indo-Pacífico; Erich Obst, àqueles ligados ao "Velho Mundo", ou seja Europa e norte da África; Fritz Termer encarregou-se do "Novo Mundo" (América e o restante da África); e o geógrafo Lautensach da literatura geral e sistemática sobre a Geopolítica.

Elegeram-se como fonte de inspiração a obra do "cientista político"<sup>18</sup> Johann Rudolf Kjellén (1864-1922)<sup>19</sup>, "representante do ultra-conservador Partido Nacional da Suécia" (Kost, K. 1988:42). A referência às obras de Kjellén pelo recém formado grupo, persistiu durante os anos de existência da revista.

Apresentando ao grupo sua concepção de Geopolítica, Vowinckel enfatizou os seguintes aspectos: "a) o seu principal papel é o de ser 'intermediária da vida prática'; b) compreende os acontecimentos da atualidade, através da condicionalidade do espaço e da história; c) para a explicação da política mundial, releva a dependência dos fatores naturais; d) ao se referir à economia mundial deverá relevar a estrutura interna; e, e) quando tratar da cultura mundial, deve explicitar o movimento de superação espacial (*raumüberwindende*)."

(HARBECK,1963:15):

A proposta de Vowinckel foi avaliada pelo grupo no final de 1923, recebendo modificações para que se constituísse num programa básico, considerado pelos editores modernizador e capaz de atender às demandas da época; para tanto o grupo sintetizou-a do seguinte modo:

- “1) A Geopolítica é a ciência de vinculação dos processos políticos à terra;
- 2) ela se baseia no fundamento amplo da Geografia, especialmente da Geografia Política, como ciência dos organismos espaciais e políticos e sua estrutura;
- 3) a essência dos espaços terrestres compreendidos pela Geografia oferece à Geopolítica o quadro no qual se realiza o percurso dos processos políticos, para que ocorra êxito permanente. Com certeza os sujeitos da vida política ocasionalmente ultrapassam esse quadro, e neste caso, mais cedo ou mais tarde, de qualquer forma, será feito novamente o vínculo à terra;
- 4) neste sentido, a Geopolítica pretende oferecer as armas para a atuação política e ser guia na vida política;

---

<sup>17</sup> O artigo inaugural da revista também foi escrito por Fritz Hesse. Dada sua importância pela tentativa de fundamentar o objeto basilar da revista, isto é, o espaço vital, foi traduzido na íntegra e encontra-se nos anexos da dissertação de mestrado da autora deste texto.

<sup>18</sup> Até as primeiras décadas deste século, existia nas universidades alemãs a disciplina "Ciência do Estado", que não corresponde exatamente à Ciência Política. O "cientista do Estado" (*Staatswissenschaftler*, em alemão) se ocuparia com questões próximas ao âmbito do Direito Constitucional, mas com uma abrangência maior.

<sup>19</sup> A obra de Kjellén que mais despertou atenção dos geopolíticos intitula-se *Der Staat als Lebensform* (O Estado como forma de vida), publicada em 1917.

5) assim, ela se torna "ciência prática" (*Kunstlehre*<sup>20</sup>), capaz de direcionar até certo ponto a política prática. Somente assim se realiza a transposição do saber para o poder (...);

6) A Geopolítica quer e deve se tornar a consciência do estado".<sup>21</sup>

Esses postulados não foram publicados, como era de se esperar, no primeiro número da revista, embora cada um dos colaboradores procurou, no seu artigo específico, esclarecer a que vinha a Geopolítica. O primeiro artigo da revista, escrito por Fritz Hesse, tentou suprir esta lacuna, ainda que se trate antes de um discurso laudatório do expansionismo, do que propriamente de uma esclarecimento imprescindível à "nova ciência".

## ASPECTOS FORMAIS E COMENTÁRIOS GERAIS SOBRE A ZEITSCHRIFT FÜR GEOPOLITIK

O primeiro número da *Zeitschrift für Geopolitik* foi publicado em janeiro de 1924 com a seguinte composição editorial e redatorial:

- editores: Karl Haushofer - general e professor da universidade de Munique; Erich Obst - professor da Escola Superior Técnica de Hannover;

- colaboradores: Hermann Lautensach (Hannover) - professor no ensino médio; Fritz Termer - docente do Instituto de pesquisas da América na Universidade de Würzburg<sup>22</sup>;

-chefe redação: Fritz Hesse;

- editora: Kurt Vowinkel - Berlin – Grünewald.

Freqüentemente, eram realizadas mudanças no corpo diretivo da revista. Os únicos nomes que permaneceram na sua direção, até sua extinção, em 1944, foram os de Karl Haushofer e de Kurt Vowinkel, o dono da editora, que tinha participação decisiva nesta publicação.

A revista tinha periodicidade mensal. Iniciou-se com um total aproximado de cinquenta páginas, atingindo, em 1927, cem páginas, com artigos que possuíam em torno de oito laudas. A tiragem inicial era de mil exemplares, no final da década de Trinta este número chegou a cinco mil exemplares.<sup>23</sup>

Em 1925, a ZfG abriu espaço à publicação de artigos dos editores da revista "Política e Economia Mundiais" *Weltpolitik und Weltwirtschaft* (W&W), de Hamburg, trazendo a partir daí uma série de tabelas, gráficos, dados estatísticos, e informações sobre

---

<sup>20</sup> *Kunstlehre* foi um termo utilizado pelos geopolíticos para expressar a associação imediata da ciência com a "arte" (*Kunst*). No entanto, *Kunst* provém de *können* = saber, conhecimento, habilidade, por isso, no contexto da geopolítica acredita-se mais adequado traduzí-lo por "ciência prática".

<sup>21</sup> In: Haushofer, K. (org.) (1925:27) *Bausteine zur Geopolitik*, apud Wittfogel, (1992). Trata-se de uma obra coletiva dos editores da ZfG, elaborada com o intuito de esclarecer as principais concepções deste grupo, embora, não se tenha chegado a nenhum debate consistente, ou ao menos a um consenso sobre a "nova disciplina". Por outro lado, como apontam as críticas, a maioria das "novas proposições" não foram elaboradas por Karl Haushofer, mas sobretudo por Otto Maull e Hermann Lautensach.

<sup>22</sup> Fritz Termer, escrevia na coluna "América Central", tendo sido substituído, em janeiro de 1925, por Otto Maull, à época professor de geografia em Würzburg.

<sup>23</sup> Jacobsen (1979) e Harbeck (1963).



o mercado financeiro. Apesar de ter o geógrafo Arthur Dix<sup>24</sup> como um dos diretores, os membros da W&W eram em sua maioria economistas.

Em relação à temática, a *Zeitschrift für Geopolitik* abrangia uma grande variedade de questões: econômicas, políticas, culturais, científicas, religiosas, enfim tudo que pudesse ser classificado como de interesse da geopolítica; obviamente quase nada escapava. Referia-se ainda a qualquer parte do globo terrestre, até mesmo aos Pólos Árticos e Antárticos.

Chegou-se a um consenso entre os diferentes atores que foram se juntando à Revista de que sua estrutura básica conteria o seguinte:

- a) artigo(s) principal(is) sobre uma questão atual em destaque, e de interesse geopolítico; nesta seção discutiam-se as "bases teóricas da geopolítica";
- b) artigos com discussão mais aprofundada a respeito dos problemas geopolíticos do globo; ou seja: cultura, fronteiras, migração, ensino etc;
- c) informações sobre os mais importantes processos geopolíticos - a idéia era traçar um quadro sucinto dos assuntos geopolíticos que estavam em voga fora da Alemanha, e;
- d) resumo e comentários sobre a literatura de teor geopolítico, produzida interna e externamente.

Essa estrutura vigorou até 1929. De 1930, até sua extinção em 1944, devido à formalização da fusão com a revista *Weltpolitik und Weltwirtschaft*, a revista passou a conter os seguintes tópicos:

- a) reportagens geopolíticas - pretendia-se nesta coluna oferecer um quadro mais elaborado do assunto em questão, inclusive com suas vinculações teóricas;
- b) política exterior da Alemanha;
- c) investigações geopolíticas: subdivididas em Europa, África e Oriente Médio, Ásia e América;
- d) artigos de âmbito global, isto é questões que envolviam dois ou mais países, por exemplo: rotas aéreas, Doutrina Monroe, dentre outros;
- e) artigos sobre a economia mundial;
- f) dados estatísticos - discussão sobre seu significado para a Geopolítica e demonstrações de seu uso e aplicabilidade;
- g) resenhas e informações sobre a literatura geopolítica. No aspecto visual, além dos mapas - já freqüentes nos textos publicados antes de 1930, apareceram de forma inusitada a profusão de tabelas e caricaturas de figuras proeminentes.

Outra fusão decisiva na história deste periódico deu-se com a criação do "Grupo de Trabalho" (*Arbeitsgemeinschaft für Geopolitik/AfG*), em 1931, sob auspício de Kurt Vowinkel. Posteriormente esse grupo, composto por membros do Partido Operário Nacional Socialista Alemão (NSDAP), o Partido Nazista, passou a promover uma censura direta dos artigos publicados na revista.

Um outro aspecto importante a ser mencionado diz respeito à alteração de enfoque em quase todos os ensaios, a partir de 1933. Se antes predominava um verniz científico em cada argumentação, a partir daí não houve mais essa preocupação, exceto em um ou outro autor. O enfoque central passou a ser a função estratégica do rádio, das estradas, da cartografia, das rotas aéreas, das fronteiras, dos mares, do ensino, além dos ensaios sobre a

---

<sup>24</sup> Vide referências sobre a obra de Arthur Dix em Kost (1988). Na literatura brasileira, vide a análise da obra de Dix: "Geografia Política", publicada em 1929, in: Costa (1992).

questão da nacionalidade, que sempre ocupou amplo espaço na revista, e nesse momento assumiu, explicitamente, um teor racista.

Heinrich, em sua tese de doutorado, defendida no Departamento de Geociências e Geografia de Giessen, elaborou um quadro revelando que mais de 70% dos artigos publicados pela ZfG eram de autores formalmente não geógrafos, alguns deles eram, inclusive, políticos eminentes. No geral, eram pessoas que "publicaram mais de um artigo, ganhando assim importância, e sendo então classificados pelos editores como geógrafos, ou já eram professores de Geografia do ensino médio" (HEINRICH, 1991:58).

A revisão e aprovação dos artigos ficavam a cargo dos diretores da ZfG, conforme a área geográfica abordada, sendo que na maioria das vezes não seguiam uma linha temática única<sup>25</sup>. Desse modo, todos os ensaios e investigações, que dissessem respeito, por exemplo, ao âmbito do Indo-Pacífico, deveriam passar pela aprovação de Karl Haushofer, e por ele serem encaminhados ao chefe de redação, para publicação no próximo número da revista.

A leitura da revista sugere que esse critério acabou levando a uma certa independência por parte de cada editor, em sua área de atuação, embora partilhassem de idéias básicas sobre a Geopolítica. Deste modo, a visão do todo, antes da publicação, só era facultada ao editor, Kurt Vowinkel, que centralizava todo o material. Acrescenta-se a isso os fatos de residirem em cidades diferentes - à época um fator limitante - e de se comunicarem praticamente através de correspondências, o que certamente contribuía para a ausência de um debate efetivo entre seus autores.

## O PÚBLICO-ALVO DA *ZEITSCHRIFT FÜR GEOPOLITIK* (ZFG)

É difícil traçar um quadro definitivo do perfil dos leitores da ZfG. Não há registro suficiente de dados dos assinantes. Uma parte, inclusive, era distribuída através de livrarias, e não diretamente pela editora.

Harbeck (1963) afirmou, no entanto, que foram encontradas entre os documentos deixados por Haushofer listas de endereços, uma delas com cerca de cento e cinquenta nomes, sendo todos atuantes no campo da "política popular" (*volkspolitisch*).

Em outra lista encontrada nos arquivos deixados por Haushofer estão elencados nomes de trinta personalidades influentes na política, na economia, no círculo militar, e no mundo científico. Quase todos possuíam formação acadêmica em geografia, história, política ou jornalismo.

A tese de Harbeck sobre a Revista de Geopolítica mostra ainda que a maioria dos leitores era composta de assinantes, que possuíam contato pessoal com o grupo de editores da ZfG, sobretudo com Karl Haushofer.

Harbeck ressaltou ainda que, de uma lista de mil assinantes constante no arquivo de Haushofer, um quarto residia no exterior, o que nos mostra o interesse e a repercussão desse periódico fora da Alemanha.

---

<sup>25</sup> Praticamente não existia nenhuma restrição quanto à temática, deste modo, muitos ensaios não apresentavam ligação com o tema central do periódico, que vinha destacado na capa.

No Brasil também foi observada a fragilidade das fontes para se chegar a esse tipo de informação, sabemos que o Museu Paulista da USP possui a maior parte dos periódicos da ZfG que para cá vieram. Ainda assim, não encontramos nenhum número da década de 1940.

Adverte-se aqui para o fato de poder existir a coleção completa deste periódico, sem estar catalogado pela IBICT, em outras bibliotecas brasileiras. Acredita-se que após a guerra, esse material tenha sido destruído, tendo em vista o vínculo explícito com o nazismo..

Constata-se, dessa maneira, que a distribuição da Revista foi bastante ampla, sobretudo nos países onde Haushofer possuía contatos pessoais, como o Japão e os países anglo-saxões. "Em comunicação pessoal, Vowinckel afirmou que no final dos Anos Trinta, dos cinco mil exemplares da ZfG, quinhentos eram destinados a bibliotecas estrangeiras". (HARBECK, 1963:15)<sup>26</sup>

Embora não se possa mensurar a influência desta revista interna ou externamente à Alemanha, pode-se inferir - a partir do público, restrito, mas seletivo: bibliotecas e figuras ligadas ao poder - que ela certamente teve um papel importante para o desenvolvimento do pensamento geopolítico como um todo<sup>27</sup>.

A leitura dos artigos da revista sugere que pretendia atingir um público esclarecido de pessoas influentes, que utilizavam o conteúdo desta em seus respectivos campos de atuação. A influência mais direta, entretanto, e certamente a que permitiu a maior difusão das idéias do grupo de geopolíticos, incidia sobre o professorado alemão.<sup>28</sup>

## A MODERNIZAÇÃO NA REVISTA DE GEOPOLÍTICA

Um dos aspectos que chamou muita atenção na atuação dos geopolíticos, agrupados em torno da ZfG, foi a tentativa de rompimento com o "tradicionalismo e imobilismo acadêmicos", entendido, pelos geopolíticos, como o isolamento dos acontecimentos dinâmicos da sociedade.

Em contraposição, a revista passou a veicular assuntos da ordem do dia, apregoava o enfoque interdisciplinar, voltava-se primordialmente às questões internacionais, pretendia abrir espaço a qualquer profissional interessado em questões políticas, possuindo ou não formação científica.

Pretendia ser também um instrumento de fácil acesso a um público leigo que precisava ser despertado para os acontecimentos mundiais, sobretudo para a situação

---

<sup>26</sup> O diálogo de Harbeck com Vowinckel é extremamente importante para a reconstituição da história da revista, pois, Vowinckel, era a figura que centralizava todas as informações, possuía o cadastro dos assinantes, fazia a triagem final dos artigos, decidia os rumos da revista, obviamente, com o aval de Haushofer e principais editores. No entanto, o fato de se poder contar apenas com os documentos presentes no arquivo de Haushofer, que foram publicados, na íntegra, na Tese de Jacobsen (1979), e não com aqueles que certamente ficaram em posse de Vowinckel, ou dos demais editores, restringiu bastante esta investigação.

<sup>27</sup> O único geógrafo (e engenheiro), residente no Brasil, que escreveu para a revista, foi Everardo Backheuser, seu artigo: "*Das politische Conglomerat Brasilien*" foi publicado em 1926.

<sup>28</sup> A preocupação com o ensino da Geografia e da Geopolítica tornou-se frequente na revista, a partir da década de 30, podendo ser citados os ensaios de: OFFE, (1931:388-390); THIES, (1932:503-512 e 626-637); SCHMIDT, (1935:318-320); JANTZEN, (1938:169-175).

peculiar da Alemanha. Nesse sentido, a intenção de atrair um público jovem, através dos ensinamentos aos mestres, passa a ser uma constante na Revista, notadamente, após 1930.

Nessa proposta de modernização o que despertou, posteriormente, maior interesse foi a grande ênfase atribuída à tecnologia; a técnica foi vista como a grande aliada da Geopolítica, como se observou nos ensaios sobre a cartografia geopolítica e sobre o poder dos meios de comunicação.

A cartografia geopolítica foi considerada um dos instrumentos pedagógicos mais significativos à efetivação do ideário geopolítico alemão. Através de fórmulas diretas e atraentes de representação, o significado do *Lebensraum* pôde ser veiculado a todos os segmentos da população - a leigos ou intelectuais, jovens, crianças ou adultos, sobretudo porque os temas priorizados nesses mapas eram aqueles que possuíam ampla ressonância, traduzindo, por assim dizer, o imaginário social, e por isso mesmo capaz de despertar a atenção de um público mais amplo.

A cartografia geopolítica representou para os geopolíticos, além do mais, uma forma de se contrapor aos métodos e técnicas de representação visual que consideravam ultrapassados e ineficientes. Nesse sentido a vanguarda intelectual conservadora da *Zeitschrift für Geopolitik*, sem receio, violou todos os métodos convencionais, e deu asas à imaginação.

Foram confeccionados mapas que expressavam o desejo expansionista, a supremacia racial ariana, forjando dados que, desvinculados da realidade, permitiam visualizar, por exemplo, o aumento da população alemã em toda a Europa, partindo de um critério de predominância lingüística, que resultaria numa imagem na qual as fronteiras do estado alemão tornavam-se muito maiores do que a que se via no mapa oficial.

O refinamento desta concepção cartográfica na ZfG, se deu sobretudo através das propostas apresentadas pelo engenheiro e geógrafo Ruppert von Schumacher em 1934 e 1935<sup>29</sup>, sobre a "teoria da representação espacial, e dos signos geopolíticos". Schumacher acrescentou um componente novo, ao referir-se à importância das cores para destacar certos elementos e encobrir outros, bem como à importância dos sinais adequados a cada tipo de idéia que se quisesse incutir.

Ao mesmo tempo em que o autor buscava fundamentar suas idéias a respeito da representação espacial, também desejava vê-la implementada nos atlas difundidos à época. Sua argumentação básica, era a de que a importância da técnica empregada poderia ser comprovada por qualquer leigo; um exemplo incontestável seria o traço sugestivo dessa cartografia, reveladora da "fragilidade da Alemanha frente aos seus vizinhos europeus". (figura 1)

A eficácia desse método era incontestável também, segundo o ponto de vista dos geopolíticos, porque a força da imagem provocada no subconsciente da nação não permitiria equívocos: a Alemanha encontrava-se ameaçada por todos os lados, não havia saída senão o confronto bélico.

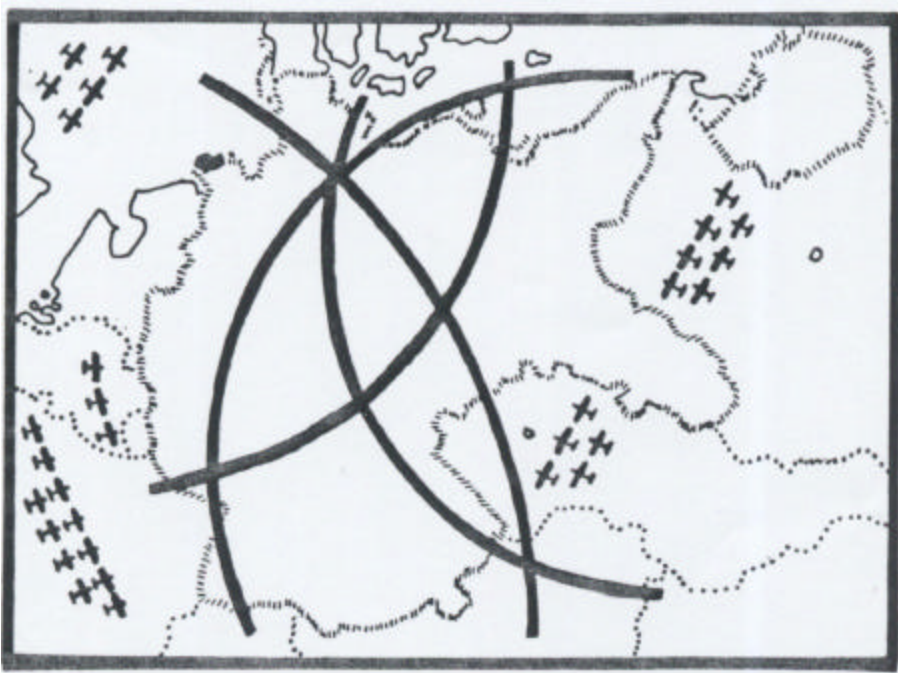
Em sucessivos ensaios da *Zeitschrift für Geopolitik*, depois de meados da década de 1930, constatou-se o quão importante foram para os geopolíticos as proposições de

---

<sup>29</sup> Schumacher (1934:635-652) "*Zur Theorie der Raumdarstellung*", e (1935: 247:265) "*Zur Theorie der geopolitischen Signatur*".

Schumacher. A partir de então, a revista garantiu sua "aceitabilidade social" e alcançou um de seus principais objetivos, que era justamente de ser um instrumento para atuação prática.

A tecnologia e a idéia de fortalecimento da identidade nacional foram os pilares do debate geopolítico nas primeiras décadas do século XX, e exerceram enorme fascínio nas mentes dos dirigentes da nação. Foi nesse sentido que a cartografia geopolítica recebeu tratamento especial na Revista de Geopolítica.



**Figura 1 – Exemplo de Cartografia Geopolítica na ZfG**

Área Limite ameaçada por aviões de países vizinhos - Schumacher (1934) - ZfG

## O FINAL TRÁGICO DA GEOPOLÍTICA NA ALEMANHA

Face às circunstâncias da guerra, a *Zeitschrift für Geopolitik* foi-se extinguindo aos poucos: o número de páginas publicadas anualmente, passou de 652 em 1942, para 347 em 1943. No último ano, 1944, praticamente a edição passou a ser bimestral.

Antes de sua extinção ainda se efetuou uma última fusão com a revista "Escola da Liberdade", "fortemente anti-semita e ferozmente anti-soviética", permitindo que em julho de 1943, se ampliasse o número de leitores e se obtivesse um volume maior", mas o grupo de editores da revista procedeu à sua extinção em 02 de setembro de 1944<sup>30</sup>. (HARBECK,1963:xii).

<sup>30</sup> Não se obteve dados mais precisos a respeito da extinção da revista em 1944, pois, as questões internas, não eram trazidas a público. Por outro lado, não se efetuou ainda uma análise de todas correspondências do arquivo K.Haushofer, onde talvez se possa encontrar este tipo de informação.

No final do regime nazista, até mesmo alguns membros da revista foram perseguidos, como o próprio filho de Haushofer, Albrecht, que teve papel de destaque na *Zeitschrift für Geopolitik*, e ocupou importantes cargos durante o III Reich.

Albrecht Haushofer foi acusado de estar envolvido no atentado contra Hitler, em 1944, tendo sido assassinado pela Gestapo em abril de 1945.

Ao término da II Guerra, Karl Haushofer, foi levado a julgamento pelo Tribunal de Nüremberg. Ele e sua esposa Martha Meyer-Doss, de origem semita, cometeram suicídio, em março de 1946. Haushofer deixou um documento para tentar esclarecer sua concepção político-partidária e participação na Geopolítica.

## BIBLIOGRAFIA

Backheuser, Everard. Das politische Conglomerat Brasilien, **Zeitschrift für Geopolitik**, p.625-630. 1926.

Banse, Ewald **Expressionismus und Geographie**, GZ 27 P.31. 1920.

CAPEL, Horacio **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**. Segunda edição, 510 p., ed. Barcanova, Barcelona. (1ª ed. 1981), 1983.

COSTA, Wanderley M. **Geografia Política e Geopolítica**. Tese do Dep. Geografia da USP, 355 p., Hucitec-Edusp, São Paulo. 1992.

Forman, Paul A **Cultura de Weimar, a Causalidade e a Teoria Quântica, 1918-1927. Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Supl. 2, Unicamp, SP. 1983.

Gay, Peter **A Cultura de Weimar**. Ed. Paz e Terra, RJ. 1978.

Gradmann, Robert Die Erdkunde und ihre Nachbarwissenschaften, **IMWKT**, 14, p.605-626. 1920.

---- Das harmonische Landschaftsbild, **ZGEB**, p.129-147. 1924.

---- Volkstum und Rasse in Süddeutschland. **Volk und Rasse**, 1, p.135-146. 1926.

HARBECK, Karl-Heinz (1963) **Die Zeitschrift für Geopolitik 1924-1944**. Tese da Universidade de Kiel. 1936.

Haushofer, Albrecht Zur Problematik des Raumbegriffes, **Zeitschrift für Geopolitik** p.723-734. Haushofer, Karl (1924) (org.) **Bausteine zur Geopolitik**. Berlin-Grunewald.

---- "Zum Geleit" , in: Fairgrieve, J. (org.) **Geographie und Weltmacht**, Berlin-Grunewald. 1925.

---- Atemweite, Lebensraum und Gleichberechtigung auf Erden!, **Zeitschrift für Geopolitik** . 1934.

JACOBSEN, Hans-Adolf **Karl Haushofer: Leben und Werk**. Tese da Universidade de Bonn, vol.I e II (660p., 615p.), Harald Boldt, Bopard am Rhein.. 1979.

JEFFREY, Herf **O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política em Weimar e no Terceiro Reich**. Tradução de C.F.S.Ramos. (original 1984) Ed. Ensaio, 283 p. São Paulo. 1993.

HEINRICH, Horst-Alfred **Politische Affinität zwischen geographischer Forschung und dem Faschismus im Spiegel der Fachzeitschriften**. Tese de doutorado do Instituto de Geografia da Universidade de Giessen, nº 70. 1991.

- Hesse, Fritz Das Gesetz der wachsenden Räume, **Zeitschrift fur Geopolitik**, 1-4. 1924.
- KJÉLLEN, Rudolf **Der Staat als Lebensform**, 4ª ed., Berlin 1924. 1917.
- LAUTENSACH, Hermann Supans Deutsche Schulgeographie in Neuer Bearbeitung, **GA 25**, p.117-121. 1924.
- MAULL, Otto (1960) **Geografía Política**. Ed. Omega S.A., Barcelona, 1ª ed. 1956, 1960.
- OBST, Erich (1922) Eine neue Geographie, **Die neue Geographie**, 1, p.4-13. 1922.
- (1923) Die Krisis in der geographischen Wissenschaft, **Preussische Jahrbücher**, 192, p.16-28.
- Richard, Lionel (1988) **A República de Weimar**. Col. A vida cotidiana. Original em francês, 1983. Ed. Companhia das Letras, São Paulo. 1988.
- RÖSSLER, Mechtild; (1988) Géographie et National-Socialisme. **L'Espace Géographique**, nº1, p. 5-14, Paris, 1988.
- SANDNER, Gerhard (1987) "Mitteleuropa als Kultur-Landschaft". In: **Ein Gespenst geht um:... Mitteleuropa**, H.-A.Steger/R.Morell (org.), Ed. Theo Eberhard, Munique. 1987.
- Schumacher,Rupert von (1934) "Zur Theorie des Raumes", **Zeitschrift fur Geopolitik**, p. 573-580. 1934.
- Zur Theorie der Raumdarstellung, **Zeitschrift fur Geopolitik**, p.635-641, 1934.
- Zur Theorie der Raumstrategie, **Zeitschrift fur Geopolitik**, p.779-788. 1934.
- Zur Theorie der geopolitischen Signatur, **Zeitschrift fur Geopolitik**, p.247-263. 1935.
- Der Raum als Waffe. **Versuch einer raumpolitischen Strategie**, Berlin. 1935.
- Volk, Raum, Planung, **GW**, 3, p.724-729. 1935.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1879-1930**, Companhia das Letras, 287 p. São Paulo. 1993.
- SODRÉ, Nelson Werneck **Introdução à Geografia**. Terceira edição, ed. Vozes, 135 p., Rio de Janeiro. 1982.
- TROLL, Carl A Geografia científica na Alemanha no período de 1933 a 1945. **Boletim Geográfico**, vol.VIII, p.1116-1130, Rio de Janeiro. 1950.
- WITTFOGEL, K.A. (1992) "Wittfogel". Textos originais de 1929 e biografia do autor, coordenados por HEIDEMANN, Dieter, em colaboração com ALVES, Glória.; BARBOSA, Altiva.; GIANSAANTI, Roberto. **Seleção de textos da AGB**, nº20. São Paulo.

Recebido em novembro de 2003.  
Aceito em dezembro de 2003.